

## NOS ESPAÇOS DO TEMPO:

### Uma análise da memória da infância nos poemas “Profundamente” e “Infância”

Anielle Bruna Fonseca Lopes<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho é um estudo comparativo sobre como a temática da memória da infância é tratada nos poemas Infância e Profundamente, escritos por dois dos mais aclamados poetas de língua portuguesa - Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, respectivamente. A introdução do trabalho se preocupou em trazer considerações panorâmicas e breves sobre a estética a qual comumente esses dois autores são vinculados (o Modernismo), sobre os dois poetas e sobre a temática da infância. No desenvolvimento, é realizada a análise comparativa, na qual foi possível observar que nos dois poemas a infância é representada como algo bom, sendo que em “Profundamente” há um contraste entre o presente e o passado e em “Infância” esses dois tempos possuem uma relação harmoniosa entre si.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modernismo; Carlos Drummond de Andrade; Manuel Bandeira; infância; memória.

**ABSTRACT:** This work is a comparative study on how the theme of childhood memory is treated in the poems "Infância" and "Profundamente", written by two of the most acclaimed poets of Brazilian literature - Carlos Drummond de Andrade and Manuel Bandeira, respectively. The introduction of the work focused on making panoramic and brief remarks on the aesthetics which is commonly linked to these two authors (Modernism), on the poets themselves and on the childhood theme. On the Development, a comparative analysis is carried out, in which it was observed that on the two poems, childhood is represented as something good, and in "Profundamente" there is a contrast between the present and the past while in "Infância", these two times have a harmonious relation with one another.

**KEYWORDS:** Modernism; Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, childhood, memory.

## INTRODUÇÃO

### O movimento

Para entender melhor o contexto em que esses dois poetas escreveram é preciso tecer algumas considerações sobre a estética a qual são vinculador: O Modernismo, iniciado no começo do século XX com a Semana de Arte Moderna. A grande marca dessa estética foi o desejo explícito de renovar a arte, assimilando elementos da modernidade, como o cinema, a fotografia, a eletricidade etc. Embora a iniciativa modernista de renovação tenha sido influenciada pelas vanguardas europeias, uma das principais características do movimento foia busca por uma independência cultural do Brasil, que eliminasse as imitações europeias, no que concerne a temas e formas. Outras duas características do modernismo que serão brevemente comentadas nessa introdução são a tentativa de transpor para as artes uma realidade mais subjetiva ao artista e a liberdade formal.

Vejam, entretanto, que nem todas as propostas do modernismo são tão singulares. O nacionalismo, por exemplo, já estava presente no Romantismo. Assim como os românticos, os

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras- Português pela UFRN.<anibruna1695@hotmail.com>

modernistas vão retornar ao Brasil primitivo para ressignificá-lo (principalmente em sua fase heroica). Mas no nacionalismo romântico, grosso modo, as temáticas brasileiras eram abordadas em uma linguagem ainda muito submissa aos moldes lusitanos: embora o movimento assimilasse termos indígenas, a sintaxe, por exemplo, raramente sofria alterações. A linguagem dos modernistas vai se aproximar do falar brasileiro, contrariando inclusive o português culto. O pessimismo dos românticos é outra característica que os distancia dos modernistas, que como contraponto utilizavam o humor e a ironia em seus textos.

Assim como o Romantismo, o Realismo e o Naturalismo também apresentam tendências combatidas pelo Modernismo, sendo a principal delas o descritivismo documental. Na tentativa de representar a realidade de forma objetiva e literal, realistas/naturalistas utilizavam frequentemente descrições abundantes e nas pinturas eram detalhistas a ponto de o quadro se assemelhar a uma fotografia. Já os modernistas, inspirados nas vanguardas europeias, buscam representar uma realidade mais íntima ao artista, mais subjetiva, mais próxima ao onírico e ao fantástico. Ou, nas palavras de Menotti del Picchia citado por Brito (1986, p. 13), “outra expressão verbal para a criação literária, que não é mais a mera transcrição naturalista mas a recriação artística, transposição para o plano da arte das realidades vitais.”

Por fim, o Modernismo contrapunha-se principalmente aos parnasianos, que, na visão modernista, possuíam formas poéticas fixas e limitantes; uma linguagem rebuscada, distante do brasileiro, inacessível; temáticas antiquadas. Se o Parnasianismo propunha um retorno à estética clássica, o Modernismo queria justamente o contrário: uma estética moderna atualizada à nova sociedade. “Não só mudaram as ideias inspiradoras da poesia, como também os moldes em que ela se encerra. Encaixar na rigidez de um soneto todo o baralhamento da vida moderna é absurdo e ridículo.” (PAULO PRADO *apud* BRITO, 1986, p. 26)

### **Os poetas**

Apesar do que já foi mencionado sobre o Modernismo, é importante salientar que não é possível enquadrar toda a poética de Manuel Bandeira e de Carlos Drummond de Andrade plenamente em uma escola literária devido à multiplicidade de temas e formas que compõem o acervo numeroso de cada um desses poetas.

Com relação à linguagem, por exemplo, Manuel Bandeira no seu livro de estreia – *A cinza das horas* – utiliza de uma estética poética mais rígida, à moda parnasiana, com composições de sonetos em rima rica e métrica calculada. Em *Carnaval*, Bandeira já faz uso do verso livre, assim como em *Ritmo dissoluto* e *Libertinagem*. Em uma fase seguinte de sua poesia, ele volta a utilizar o verso regular. Podemos ver que em Bandeira,

não foi o desprezo, foi justamente o desvelo pela forma, a sua forma pessoal que levou esse poeta àquele ‘ritmo todo de ângulos, incisivo, em versos espetados, entradas bruscas, gestos quebrados, nenhuma ondulação’, nenhuma ‘cadência oratória’ [...], mas [...] uma aturada meditação sobre certos problemas, que chegou a uma poesia inteiramente despida da eurrítmia convencional [...] (HOLANDA, 1980, p. 163 – 154)

Manuel Bandeira teve importante influência na divulgação das ideias modernistas e é considerado o primeiro poeta a fazer um poema de verso livre. Seu poema “Os Sapos” esteve na

polêmica Semana de Arte Moderna, embora Bandeira não estivesse, e foi declamado por Ronald de Carvalho “sob os apupos, os assobios, a gritaria de ‘foi não foi’ da maioria do público”. (CARVALHO, *apud* COUTINHO, 1977, p. 19)

Algumas características do Modernismo podem ser observadas na poesia de Manuel Bandeira desde Carnaval até alguns de seus poemas das últimas publicações, como a preferência por uma linguagem mais popular e, conseqüentemente, uma linguagem mais brasileira. Essa escolha advém, segundo Lessa (1966, p. 288), de “convicções solidamente arraigadas no poeta”, conforme podemos observar em suas cartas dirigidas a Mário de Andrade:

Considero perfeitamente legítimo o emprego da variação ‘me’ no princípio de qualquer período. Considero perfeitamente legítimo o emprego de outras variações em começo de período, quando continuam nele a mesma construção usada em período anterior (...) e ainda em qualquer caso, por necessidade psicológica, das variações “te”, “lire”, “nos”.<sup>2</sup>

Bandeira é comumente apontado como participante da primeira fase do Modernismo e Drummond da segunda. A primeira fase se caracteriza, em linhas gerais, pelo lançamento e promoção das principais ideias do movimento, ao passo que a segunda é marcada pelo amadurecimento e pela ruptura com a fase polêmica de suas primeiras manifestações.

A poesia de Drummond é marcada pela inquietação de um eu lírico que não consegue se adequar ao mundo, daí sua poesia poder ser dividida, segundo Sant’Anna (2011) em três fases em função dessa relação do eu poético com o mundo: eu > mundo, eu = o mundo, eu < que o mundo. A primeira fase (de *Alguma poesia* a *Brejo das Almas*) seria aquela em que o eu lírico se apresenta indiferente ao mundo, tentando registrá-lo tal como ele é. Na segunda fase (de *Sentimento do mundo* até *A rosa do povo*), o eu lírico vai abandonar sua solidão, se aproximar do mundo e agir através da poesia. Na terceira fase (de *Claro enigma* em diante), o poeta ingressa em uma poesia mais metafísica, centrada na busca pelo descobrimento da essência que compõe o mundo de coisas ao seu redor.

A força poética de Drummond vem um pouco dessa falta de naturalidade, que distingue a sua obra, por exemplo, da de Manuel Bandeira. O modo espontâneo como este fala de si, dos seus hábitos, amores, família, amigos, transformando qualquer assunto em poesia pelo simples ato de tocá-lo, talvez fosse uma aspiração profunda de Drummond, para quem o eu é uma espécie de pecado poético inevitável, em que precisa incorrer para criar, mas que o horroriza à medida que o atrai. (CÂNDIDO, 1977, p. 74 - 75)

### **Considerações sobre o Modernismo e a temática da infância**

A liberdade de linguagem reivindicada pelo movimento modernista permitiu que a temática da infância fosse abordada nos poemas de maneira mais autêntica, uma vez que o poeta pôde se valer de uma linguagem mais coloquial, mais subjetiva, mais fragmentada, livre na norma culta, das regras de pontuação convencionais; uma linguagem da sua região, das pessoas ao seu redor, da cultura folclórica etc. O poeta não precisa mais se preocupar com a quantidade de sílabas poéticas de cada verso, a quantidade de versos em cada estrofe e a posição das rimas. Agora, ele

---

<sup>2</sup> Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira citadas por Luís Carlos Lessa (1996, p. 288)

se preocupa em como representar aquilo que pretende, podendo transgredir qualquer regra de formalidade para chegar ao sentido que deseja. De maneira geral, podemos afirmar que a forma está em função do sentido e o sentido não mais terá que se enquadrar em formas fixas, o que também não impede o poeta de utilizá-las.

A linguagem fragmentada vai tornar mais autêntica a representação de cenários mais subjetivos, como o sonho, o fantástico, a memória. Halbwachs, comparando “imagens oníricas às reminiscências da primeira infância”, afirma que “umas e outras parecem subir, inexplicavelmente, à superfície da consciência sem guardar relações com o presente; umas e outras parecem ter-se mantido intactas no fundo da alma.” (HALBWACHS *apud* BOSI, 1994, p. 55)

Com relação à memória, vemos que muitas vezes se trata de um tempo de acontecimentos e espaços fragmentado, em que o passado surge em pedaços e as imagens são ora um cheiro, ora um sabor, ora uma voz. Bosi (1994, p. 39), que em seu estudo realiza uma coleta de narrativas do passado de pessoas idosas, destaca que a “memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”. Na mesma linha de pensamento, Bergson (citado por Bosi) descreve o dinamismo interno da memória através de um conjunto de semicírculos que representam os níveis de expansão da memória, desde uma imagem qualquer presentificada até associações cada vez mais remotas. “A recordação seria, portanto, uma organização extremamente móvel cujo elemento de base ora é um aspecto, ora outro o passado; daí a diversidade dos ‘sistemas’ que a memória pode produzir em cada um dos expectadores do mesmo fato.” (BERGSON *apud* BOSI, 1994, p. 50-51)

Infância e memória são dois temas comuns na poesia em geral e muitas vezes aparecem conjugados. Com a liberdade de linguagem conquistada pelo Modernismo, a representação da memória da infância através da linguagem ganha mais potencialidade, mais possibilidades.

Podemos notar essa temática presente na poesia de muitos poetas modernistas, como Oswald de Andrade, Cecília Meireles, Mário Quintana... e nos dois autores dos poemas aqui analisados - Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Nesta análise, buscaremos perceber como a memória da infância é abordada nos poemas “Profundamente” e “Infância”, este de Drummond, aquele de Bandeira.

## DESENVOLVIMENTO

O poema *Infância*, de Carlos Drummond de Andrade, foi publicado originalmente em 1930 no seu primeiro livro de poesias - *Alguma Poesia* - que vai marcar o início da segunda fase do Modernismo brasileiro. *Infância* é o segundo poema da coletânea, o primeiro é o famoso *Poema de sete faces*.

O poema *Profundamente*, de Manuel Bandeira, foi publicado em *Libertinagem* - livro que marca o auge da influência modernista na poesia do poeta, principalmente pela utilização do verso livre. Os dois poemas apresentam-se transcritos a seguir para facilitar o acompanhamento.

---

### Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.  
Minha mãe ficava sentada cosendo.  
Meu irmão pequeno dormia.  
Eu sozinho menino entre mangueiras

lia a história de Robinson Crusóé,  
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu  
a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu  
chamava para o café.  
Café preto que nem a preta velha  
café gostoso  
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo  
olhando para mim:  
- Psiu... Não acorde o menino.  
Para o berço onde pousou um mosquito.  
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava  
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história  
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.

### **Profundamente**

Quando ontem adormeci  
Na noite de São João  
Havia alegria e rumor  
Estrondos de bombas luzes de Bengala  
Vozes, cantigas e risos  
Ao pé das fogueiras acesas.  
No meio da noite despertei  
Não ouvi mais vozes nem risos  
Apenas balões  
Passavam, errantes  
Silenciosamente  
Apenas de vez em quando  
O ruído de um bonde  
Cortava o silêncio  
Como um túnel.  
Onde estavam os que há pouco  
Dançavam  
Cantavam  
E riam  
Ao pé das fogueiras acesas?  
— Estavam todos dormindo  
Estavam todos deitados  
Dormindo  
Profundamente.

\*

Quando eu tinha seis anos  
Não pude ver o fim da festa de São João  
Porque adormeci  
Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo  
Minha avó  
Meu avô  
Totônio Rodrigues  
Tomásia  
Rosa  
Onde estão todos eles?  
— Estão todos dormindo  
Estão todos deitados

Dormindo  
Profundamente.

---

De maneira geral, nos poemas, há um eu lírico que vai lançar um novo olhar do seu passado através das memórias que dele cultiva. Podemos perceber a presença desse passado pela predominância de verbos no pretérito imperfeito. As ações praticadas pelo eu poético e pelos outros personagens não são mais concretizadas no presente que vivenciam.

Notemos também que os dois poemas apresentam o verso livre, mas os versos de “Infância” são mais estendidos e mais proporcionais uns aos outros, com exceção dos versos finais do primeiro parágrafo. Já em Profundamente, os versos são muito fragmentados, de modo que alguns deles são compostos somente por uma palavra, enquanto outros são mais extensos. Os versos menores tanto em um como em outro poema trazem a tona a imagem de uma memória fragmentada, comentada na introdução. A proporção dos versos em um e a desproporção em outro já mostram um eu lírico mais equilibrado na relação com o seu passado e um mais angustiado.

Além do mais, em “Profundamente” não há preocupação com as normas de pontuação. Apenas três frases são pontuadas, e em duas delas a pontuação serve para marcar as perguntas que o eu lírico dirige a si mesmo, procurando as pessoas da festa de São João que dançavam e cantavam. Por outro lado, em Infância, a pontuação é mais presente. O cenário da infância é narrado e descrito de forma fácil de visualizar, em uma linguagem prosaica, narrativa.

No poema de Drummond, o espaço rural é bem demarcado pelos substantivos concretos: o campo, a senzala, a fazenda, a mangueira, o berço. As cenas são fáceis de visualizar, não há nenhum substantivo abstrato além do título do poema. É como um retrato do passado em que os espaços que cada personagem ocupa na cena nos permite entrever as atividades corriqueiras de cada um e suas respectivas funções no seio familiar. Em “Profundamente”, não há uma descrição visual tão clara como acontece em “Infância”. É um misto de sensações. As vozes, as cantigas, os risos, a alegria, o rumor, os estrondos; todos esses sons estão misturados ao pé da fogueira acesa. Podemos perceber logo de início que o poema “Infância” trata de uma cena corriqueira e um tanto inerte de uma família habitual do campo, enquanto no poema de Bandeira trata-se de uma noite tumultuosa de São João.

A demarcação entre o passado e o presente da infância nos dois poemas analisados também difere bastante. Em “Profundamente”, é o asterisco que separa o poema em duas partes, compostas, respectivamente, pelas duas primeiras e pelas duas últimas estrofes do poema. Na segunda parte, podemos perceber a voz de eu poético mais adulto que fala no presente, capaz de lembrar e de refletir sobre um episódio específico da sua infância. É um eu poético que demarca um distanciamento temporal entre a época em que ele tinha seis anos e o hoje. Esse hoje é marcado pela morte de alguns personagens que povoaram sua infância. A flexão primeira do verbo “dormir” no pretérito imperfeito e depois no presente permite a hipótese de que se trate de dois momentos diversos: sendo um o dos personagens dormirem literalmente e o outro, como já foi mencionado, eles dormirem permanentemente. O contraste entre essas duas utilizações dos verbos está presente em todas as interpretações que essa análise oferece para a primeira parte

(veremos que são várias), embora não seja esse aspecto não seja citado em todas para evitar a repetição excessiva de ideias. Além disso, a nomeação dos personagens que dormem é um traço de afetividade marcado somente na última estrofe, o que sugere que esses personagens que dormem profundamente podem não ser os mesmos.

As pessoas citadas no final do poema são figuras determinadas - a avó, o avô, Totônio Rodrigues, Tomásia e Rosa - que não possuem voz no presente do eu lírico. São vozes do passado que ele não consegue mais ouvir, porém sente falta e não consegue se desvencilhar desse tempo. O fato de ninguém responder a sua pergunta reforça a solidão do eu poético. Esses nomes não são à toa, pois, conforme esclarece Cavalcanti (2008), esses personagens são pessoas que povoaram o mundo infantil do poeta, constituindo no poema uma mistura entre o real e o fictício.

O tempo na primeira parte de "Profundamente" revela pelo menos quatro possibilidades de interpretação.

A primeira é a mais literal e nos informa que o eu poético esteve ontem em uma noite de São João. Ele dorme e acorda no meio da noite. Ele não ouvia mais as vozes porque a festa tinha acabado e as pessoas, fatigadas, dormiram ao pé da fogueira. Essa festa o levaria a recordar o São João de sua infância em que também adormeceu. Mas diferente da noite de ontem, em que não conseguia ouvir as vozes porque as pessoas dormiram ou foram embora, no São João da sua infância ele não consegue ouvir as vozes das pessoas por estarem mortas. Não conseguir ouvir as vozes daquele tempo revela a impossibilidade de voltar à infância ou de ao lembrar mais claramente daqueles personagens.

A segunda interpretação sugere que, quando o eu lírico adormece, ele consegue reviver a noite de São João da sua infância, pelo menos de forma avulsa, já que como vimos os sons da noite se misturam no mesmo espaço. Se ao dormir ele consegue entrar em comunhão com o passado, quando acorda essas imagens começam a se dissipar. Primeiro, todo o barulho das festividades de São João; depois, as pessoas perdem suas vozes e só haverá o silêncio dos balões. Por fim, esse silêncio vai ser entrecortado pelo ruído dos bondes - representação do tempo presente - até que as pessoas desaparecem completamente. Os balões passam sem destino, vagueiam no tempo da memória, sugerem que o eu lírico está acordando aos poucos, está sendo transportado do estado onírico pelo qual é absorvido para o estado real. O túnel traz a imagem do escuro dos olhos fechados enquanto dorme, e o bonde, comparado ao túnel, é a luz que interrompe esse estado de sonolência. O sonho é um meio de evasão do presente para o passado.

Semelhante a essa segunda, outra interpretação poderia considerar que o eu lírico adormece e sonha, mas não com as imagens de sua infância e sim com uma festa de São João qualquer. Quando ele desperta, lembra-se do São João de quando tinha seis anos em que adormeceu; um tempo irrecuperável, já que as pessoas todas que cantavam e dançavam se foram. O ato de adormecer aos seis pode carregar o peso da culpa de o eu lírico não haver aproveitado aquele momento. O sonho passa a ser uma tentativa frustrada de vivenciar um São João que ele nunca vivenciou.

Por fim, a última interpretação é a de um sujeito que relata a noite de São João de quando tinha seis anos e compara-a com o tempo presente. A segunda parte passa a ser a conclusão do relato do eu lírico. Mesmo enquanto um relato pessoal, o poema não perde sua carga dramática. O

eu poético aproxima o tempo em que tinha seis anos do atual através do advérbio “ontem” (logo na primeira estrofe). É a imagem de um tempo que passou muito rápido e carregou todas as pessoas amadas consigo.

Todas as interpretações desembocam em um sentimento de solidão e perda. Enquanto para o eu lírico de “Profundamente” há um desequilíbrio entre o presente e o passado, uma tensão entre um tempo alegre e vivo e entre um tempo de tristeza e morte; o tempo rememorado em “Infância” estabelece uma relação mais harmônica com o presente. Enquanto, no paralelismo do poema de Bandeira marcado pelo travessão se concentra a carga dramática do poema; o paralelismo nos três primeiros versos de “Infância” representa o cotidiano repetitivo da vida no campo. O eu lírico parece tentar representar o cotidiano tal como ele foi, narrando fato a fato.

Entretanto, em nenhum dos dois poemas podemos afirmar que se consegue reviver o passado. Pois, como afirma Bosi (1994, p 48), citando Bergson, “ [...] é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde”.

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença entre termos de ponto de vista. (BOSI, 1994, p.55)

O presente em Drummond é marcado pela estrofe final do poema, pois embora os verbos estejam no pretérito imperfeito, percebemos pelo sentido que o eu lírico divide o passado e o presente através da negação verbal e da conjunção “e”. A conjunção contraria um pensamento anterior, podendo mesmo ser substituída pelas adversativas prototípicas. A infância era o tempo em que não sabia que sua história era mais bonita que a de Robinson Crusóé, já o presente é o tempo em que ele sabe. A memória em “Infância” atua como um instrumento de reflexão por meio do qual o eu poético consegue no presente ressignificar seu passado, entendendo coisas que antes ele não compreender, talvez por se tratar agora de um olhar mais maduro. Na introdução do livro Poesia, Santiago (1966, p. 31-32) faz um breve comentário sobre como as experiências do menino vai se entrecruzar à sua experiência de leitura.

É delicado e esclarecer o entrecruzar da experiência de menino do interior mineiro com a experiência adquirida pela leitura do clássico [...]. Entre os olhos da criança e a presença da família, entre seus olhos e a realidade provinciana, a leitura das aventuras de Robinson Crusóé levanta uma tela transparente. Ela serve da *mediação alegórica* e de *crivo crítico* para reconstituição da vivência do menino no lar paterno e na cidade interiorana [...].

Assim como a negação da primeira estrofe, a negação presente em outros trechos do poema também vai permitir visualizar possíveis fios de ligação entre o presente e o passado, uma sensação de continuidade de algumas ações. A primeira negação está presente no último verso da primeira estrofe do poema (“Comprida história que não acaba mais”), em que a história de Robinson Crusóé parece que continua de alguma forma influenciando o eu poético. A utilização do adjetivo “comprida” e do advérbio “mais” reforçam essa continuidade, além do verbo no presente, fator preponderante.



Na fala da mãe na terceira estrofe, o verbo também é flexionado no presente e também está posposto a um advérbio de negação. Em seu sentido literal, a mãe se preocupa que o menor dos barulhos possa acordar seu filho. Em um sentido mais abrangente, a escolha dessa frase pode sugerir um pedido para não acordar o próprio eu lírico, absorvido pelo romance (quando menino) e pelas lembranças (quando adulto). O outro verso com negação é o segundo da segunda estrofe, destacado, inclusive, pelo travessão. Nele, o advérbio “nunca” seguido do verbo “esquecer” no pretérito perfeito-presentifica a ação de ninar e se estende à possibilidade de que o próprio eu lírico nunca tenha esquecido de como era o ninar da preta velha.

Talvez essas sensações causadas por esses trechos sejam motivadas pela tentativa do eu lírico de reter não só os lugares e os personagens, mas os sabores do passado, como se tentasse lembrar-se do gosto da uma comida que não experimenta há algum tempo. A repetição do café nos três versos, por exemplo, mostra o sentimento prazeroso do eu lírico naquela época. Parece que ele está de fato tomando o café novamente quando opta por essa estrutura fragmentada e paralelística em vez de “café preto, gostoso e bom”.

O café também está relacionado à lembrança que o eu do poema guarda da preta velha. Diferente dos outros personagens, a preta velha é lembrada não pela sua imagem, mas pela voz doce de ninar e pelo café gostoso e bom. As características do café são estendidas a preta velha através da comparação que ele realiza. Podemos notar que a escrava é uma figura de que o eu lírico se lembra com bastante afetividade.

As figuras da mãe e do pai no poema são bastante prototípicas. O pai trabalha para sustentar a família e é uma figura mais ausente que as demais, o que pode explicar a imagem vaga dessa personagem, não caracterizado e sem voz, diferente da mãe. O pai parece estar sempre longe de casa trabalhando, “no campo” ou “no mato sem fim da fazenda” e a memória do eu lírico sobre ele também parece estar mais distante, mais difícil de captar. O mato sem fim e a distância de onde seu pai trabalhava e da senzala mostram um aspecto bastante característico do campo, que é a vastidão do espaço livre. A mãe, diferente do pai, é uma personagem mais cuidadosa e protetora, que se preocupa como já foi mencionado, com o menor dos barulhos.

Por fim, fazendo uma ponte entre os dois poemas e as concepções de memória, vale salientar que em “Profundamente” como em “Infância”, se o passado possui um valor saudosista, esse valor não pertence ao passado em si, mas é reelaborado pelo indivíduo no presente. Foram as circunstâncias do presente que motivaram o aparecimento de tais lembranças e de tal maneira. Assim é a memória, conforme cita Bosi (1994, p. 55): “A memória não é um sonho, é trabalho”. Assim sendo, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’, já que é um trabalho que se daria no inconsciente de cada sujeito.”

Mais do que isso, lembrar é colher e escolher momentos do passado, moldando-os. Embora essa ação de moldar não seja tão voluntária, ela é, antes de tudo, subjetiva. Em “Profundamente”, por exemplo, parece que do sofrimento presente parte uma necessidade de evasão para a infância.

A cada vez que o passado é evocado, ele pode surgir de maneira nova. É por isso que os dois eu líricos podem fazer novas descobertas sobre o seu passado. Em “Profundamente”, a pergunta feita pelo eu lírico leva a pensar que ele esqueceu por um momento de sua solidão, mas

descobre novamente através da lembrança. Ao passo que em “Infância”, temos a conclusão já comentada acerca do descobrimento da beleza do passado infantil no campo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o advento do modernismo, a temática da infância pôde ser abordada de uma forma bem diversificada em relação às estéticas anteriores, devido às possibilidades de representá-la através de uma linguagem mais individual e menos normatizada, livre das formas fixas que limitaram o fazer poético durante séculos.

Este trabalho analisou dois poemas de dois dos maiores poetas do Modernismo – Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Como a temática da infância é bastante presente tanto em um como em outro, esse tema já rendeu diversos estudos com esse enfoque, alguns mais panorâmicos, ou mais biográficos, outros mais específicos, como este. Esse trabalho não se preocupou em mostrar outros poemas desses poetas em que a infância ou a criança seja representada, mas tentou fazer uma análise mais aprofundada dessa memória desse passado em “Profundamente” e “Infância”. Como se pode imaginar, a análise dos elementos temporais e espaciais dos poemas foram muito relevantes para perceber essa representação.

Na análise, vimos que, nos dois poemas, há um eu lírico que recorda o passado de sua infância. No poema de Manuel Bandeira, podemos perceber a infância a partir da informação delimitada dada pelo próprio eu lírico de que tinha seis anos quando dormiu no São João. No segundo poema, podemos perceber a presença da infância pelo título. Na última estrofe, percebemos o presente da narração pela revelação do eu lírico de que só agora pôde perceber algo que não percebia quando mais novo.

Nos dois poemas, a infância é representada como um tempo bom. Em “Profundamente”, a infância é um tempo de animosidades, alegria e vida, e o presente é o oposto de tudo isso. A infância adquire mais valor por ser um tempo em que o eu lírico não havia tido tantas perdas. Em outras palavras, é no contraste com o presente que o passado se torna mais valoroso.

Em “Infância”, esse passado é um tempo de simplicidade e o eu lírico estabelece uma relação um pouco mais harmônica do passado com o presente, tentando captar os espaços, os personagens e mesmo as sensações das cenas mais banais. Quando rememora esse tempo, ele percebe que nessa aparente banalidade havia mais beleza do que nas aventuras de Robinson Crusóe. Esse valor atribuído à infância só é percebido no presente da memória.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.
- BRITO, Mário da Silva. **História do Modernismo brasileiro**: antecedentes da Semana de Arte Moderna. 5ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978. (Coleção Vera Cruz).
- CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: \_\_\_\_\_. **Vários Escritos**. 2ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. Dois poetas e o motivo da infância: Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. **Travessias**, Cascavel, v. 4, n. 3, p.x-y, fev. 2008.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. A **literatura no Brasil**: v.1. Preliminares e generalidades; v.4. Era modernista. 3. Ed. Rio de Janeiro; Niterói: José Olympio; Universidade Federal Fluminense, 1986.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Trajetórias de uma poesia. In. BRAYNER, Sônia (Org.) **Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1980, p. 142- 157. (Coleção Fortuna Crítica).

SANTIAGO, Silviano. Introdução. In. DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 2002. p. 13 - 51.

*Recebido em: 21/10/2015. Aceito em: 11/07/2016.*